

Quadro Vexatório

O II Congresso Brasileiro de Saúde Escolar, que se realizou no Rio, traçou um quadro clínico desfavorável da infância que frequenta o ensino de primeiro grau. Doenças de há muito conhecidas, e para as quais se faz mister o tratamento preventivo, contribuem para o baixo rendimento intelectual do aluno e provocam evasão escolar.

No Estado da Guanabara, cuja renda *per capita* deveria significar melhor padrão sanitário, a maioria absoluta das crianças matriculadas sofre de verminose. Quem o diz é o médico Dimário Pereira de Castro, chefe do 8.º Distrito de Saúde Escolar. No Estado do Rio, a verminose contamina nada menos de 85% dos escolares, e as faltas causadas pela infecção, somente nos dois primeiros meses deste ano letivo, subiram, ali, a 1 milhão.

O tétano é outro problema, porque a vacinação só é feita quando a criança se corta. Quanto à difteria, o médico Manuel José Serrão informou que em São Paulo são registrados entre 700 e 800 casos por ano, o que demonstra que crianças no período pré-escolar não foram imunizadas. Por incrível que pareça, o noticiário mais recente referiu-se a um surto de sarna que, em um grupo escolar de Santo André, São Paulo, atacou 18 alunos, forçando a suspensão das aulas durante alguns dias.

Se os Estados da Guanabara e de São Paulo, que apresentam os mais altos índices de rendimento econômico, por pessoa, do país, encontram-se nesta situação em matéria de saúde escolar, que dizer de regiões menos favorecidas? Doenças que deviam, de há muito, estar banidas, como a tuberculose, continuam a fazer doentes. O Dr. Aristides Paz de Almeida, coordenador-geral do Programa da Divisão Nacional de Tuberculose, declarou, há dias, que dos quase 120 mil escolares examinados em 1970, 12,2% estavam infectados pelos bacilos de Koch.

O quadro é realmente contristador. Acrescente-se o problema da subnutrição, um dos mais graves, e se terá uma idéia ainda mais aproximada do baixo nível sanitário entre os escolares brasileiros. Por falta de adequada assistência alimentar, no período de um a seis anos de idade, a criança sofre danos no sistema nervoso central que, mais tarde, serão irrecuperáveis. Foi o que disse, no Congresso, o médico José Gabriel Ferreira Cunha. A professora Célia Mesquita explicou, por sua vez, que a criança debilitada por uma dieta insuficiente apresenta um estado de quase letargia e, em tais condições, torna-se difícil aprender. Omissões na linguagem oral e escrita, encontradas em 9,4% dos 21 mil alunos de primeiro grau da Guanabara, atestam estados carenciais.

Dados colhidos durante o Congresso, ou divulgados a propósito de sua realização, destoam assim do quadro otimista com que vamos, mais do que nos habituando, na verdade nos anestesiando. Tantos são os pretextos, muitos, felizmente, verdadeiros, de gabar o nosso acelerado senão milagroso progresso, que tendemos a esquecer a triste, a deprimente, a vexatória realidade do subdesenvolvimento, tão eloquentemente expressa nessa visão dramática da saúde em nossas escolas.

Por mais que façamos, há ainda muito, pois, o que fazer, sobretudo quando se trata de eliminar o pauperismo que reina na maior parte da população. No caso aqui focalizado, trata-se de dados referentes ao Rio e a São Paulo, o que é ainda mais convincente, já que são ambas áreas consideradas ricas em relação às demais. Tanto devia bastar para levar um pouco de humildade ao nosso triunfalismo, a essa tendência ufanista que, à verdade, prefere o mel e a morfina da propaganda, que não tem olhos para vermes nem bacilos.